

Cintia Ozaki Travassos

O enigma do fim de análise

Uberlândia

2022

Cintia Ozaki Travassos

O enigma do fim de análise

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Instituto de  
Psicologia da Universidade  
Federal de Uberlândia, como  
requisito parcial à obtenção do  
Título de Bacharel em Psicologia  
Orientador: Prof. Dr. João Luiz  
Leitão Paravidini

Uberlândia

2022

Cintia Ozaki Travassos

O enigma do fim de análise

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

Banca Examinadora

Uberlândia, março de 2022.

---

Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini (Orientador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Ribeiro (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Miriam Tachibana (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Uberlândia

2022

## Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família. Sem o amor deles, nada seria possível.

## Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Silvio e Celina, pelo apoio que verdadeiramente sustentou este trabalho e minha graduação em psicologia. Trabalho para ter dois diplomas, um para cada um de vocês. Obrigada por me permitir aprender tanto.

Agradeço a minha irmã, Nadine, por fazer minha existência tão mais viva, rica e divertida.

Agradeço às minhas avós, Kiyo e Anésia, semialfabetizadas, imigrantes e mulheres em tempos ainda mais difíceis que estes que sempre me inspiraram e acreditaram em mim.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini, pelos ensinamentos, pelas trocas e pela transmissão da psicanálise.

Agradeço à todos aqueles que contribuíram com este trabalho. Indicações, trocas e apoio. Tudo é precioso numa construção.

E por fim, agradeço aos meus gatinhos, Hope, Zeca e Lilo, que me ajudam a atravessar a pandemia e me ensinam todos os dias sobre psicanálise, crescimento e a vida.

## Resumo

O que encontramos no fim de uma análise? Talvez uma pergunta mais interessante seja: o que produzimos num fim de análise? Freud debruçou-se sobre o tema em 1937 em seu célebre artigo “Análise finita e infinita”. Avançamos nessa investigação com a ajuda de outros autores para pensar o que esperamos de um fim de análise hoje. Este trabalho se justifica pela importância da investigação para o trabalho clínico e a formação acadêmica. Realizamos uma revisão bibliográfica orientada pelo método psicanalítico em obras de fundamentação freudiana, ferenciana e lacaniana. Através da seleção de materiais pertinentes à nossa investigação, organizamos e sintetizamos algo do enigma do fim de análise. Não há um único fim de análise, mas podemos dividi-los inicialmente entre a superação do sofrimento que levou a procura pelo trabalho psicanalítico e a cura. Nesta última, uma transformação do sujeito passa a operar a partir de concepções próprias de saúde e doença. Profundamente entrelaçado à política, a cura psicanalítica parte da singularidade para pensar como cada um pode inventar saídas para seus impasses. O fim de análise produz mudanças: no narcisismo, no Supereu e na relação com a autenticidade infantil, fonte de criatividade e potência. Do debate entre Freud e Ferenczi, colhemos a importância do tato do analista e do aprofundamento do trabalho a partir de uma mudança de posição em relação ao sofrimento.

Palavras-chave: psicanálise, fim de análise, cura, transformação

## Abstract

What do we find in the end of analysis? Maybe an even more interesting question would be: What do we produce at the end of analysis? Freud worked through this theme in his famous article “Analysis Terminable and Interminable” (1937). We continue to investigate with the help of other psychoanalytical authors. This paper is justified by the importance of the investigation to the clinical work and the academic formation. A literature review was made guided by the psychoanalytical method in works of Freudian, Ferenczian and Lacanian foundation. Through the selection of relevant material and we organized and synthesized something that touched the mystery of the end of analysis. There is not just one end of analysis, but we can divide them, for studying purposes, between the overcome of the symptoms that brought the patient to treatment and the psychoanalytical cure. The last one regards a transformation that touches the analysand's own concepts of health and sickness. Deeply entwined to the politics, the psychoanalytical cure relies on the singularity to think how each person can create a way out of their own impasses. The end of analysis creates change: in the narcissism, in the Superego, and in the childish authenticity, source of creativity and strength. From the debate between Freud and Ferenczi, we gain the importance of the analytic tact and the deepening of the work by the change of position before suffering.

Key-words: psychoanalysis, end of analysis, cure, transformation

## **Sumário**

1 Introdução.....	9
2 Justificativa.....	14
3 Metodologia .....	14
3.1 Procedimentos .....	14
3.2 Análise de Dados.....	15
4 Resultados e Discussão .....	15
4.1 O fim de análise.....	15
4.2 Cura .....	21
4.3 O manejo ferencziano da análise: influências na escola inglesa.....	24
4.4 O fim de análise em Ferenczi: a contraposição à Freud.....	30
4.5 Nossa amarração .....	32
4.6 Consultório Aberto e Clínicas Públicas de Psicanálise.....	36
5 Considerações Finais.....	37
6 Referências .....	38

## 1 Introdução

A partir de duas pesquisas realizadas anteriormente, sobre a feminilidade (Travassos & Paravinidi, 2019) e o conceito de sujeito em Lacan (Travassos & Paravidini, 2020), dois operadores da psicanálise permaneceram comigo: a dificuldade de lidar com a exterioridade e as transformações que marcam o sujeito lacaniano.

Esses trabalhos voltaram meu olhar para a dificuldade em encontrar uma sistematização acessível aos iniciantes que abarcasse as mudanças clínicas e metapsicológicas encontradas no decorrer de um tratamento psicanalítico. Com esse horizonte, nos debruçamos sobre a pergunta interminável: O que encontramos no fim de uma psicanálise?

O fim de análise é objeto de investigação desde a constituição da psicanálise. Freud propôs um método de tratamento e apresentou como os objetivos deste “estabelecer a capacidade de trabalhar (*realizar e produzir*) e amar (*desfrutar ou gozar da vida*)” (Freud, 1904[1905]/2019), e que são debatidos até hoje. Além disso, faz-se necessário identificar como essas determinações são atravessadas pelo tempo e sociedade em que se encontram.

Dunker (2011) nos traz algumas definições de cura e tratamento (*Behandlung, Kur, Genesung e Heilung*) e indica que a própria diferenciação entre tratamento e cura, na tradução e na utilização, realça a prospecção de fim de trabalho, ou seja, o que o fim daquela análise permite.

Sandor Ferenczi (1873-1933) foi um dos psicanalistas contemporâneos de Freud que se dedicou incessantemente aos impasses clínicos. Começou a abordar o tema do fim da análise no seu conhecido trabalho “O problema do fim da análise” (1927/2011) e até o fim de sua produção teórica nunca abandonou este eixo de investigação associando-o fortemente à formação do psicanalista.

Num diálogo com o trabalho de Ferenczi (1927/2011), Freud no ilustre artigo de 1937, “Análise finita e infinita”, Freud propõe algumas formulações para a discussão. O fim de

análise requer o estabelecimento, em primeiro lugar, do que é uma análise, ou seja, o que fazemos e o que buscamos tratar. Se no Compêndio de Psicanálise (1938/2019) Freud sintetiza que a psicanálise é uma teoria, um método de investigação e um método de tratamento, no nosso trabalho é neste último que enfocamos as nossas reflexões, a partir da seguinte indagação: Qual é o fim de um tratamento psicanalítico?

Freud (1937/2019) considera que a própria condição inicial de uma análise, as neuroses, tem relação com a busca ávida por um fim rápido de tratamento, pois são consideradas menos importantes. Disso deduzimos também o preconceito com o sofrimento psíquico. Se é algo menor, deveria, portanto, ser resolvido rapidamente.

Neste trabalho (1937/2019), o autor cita ainda um esforço próprio no célebre caso do “O homem dos lobos”. Numa manobra para alcançar o fim de análise do caso que se encontrava num impasse, o psicanalista estabelece um prazo de término do trabalho, independente do avanço ou transformações realizadas até então. Ele assim justifica o procedimento, pois “Era um caso de autoinibição do tratamento; ele corria perigo de fracassar, justamente a partir de seu sucesso (parcial) (Freud, 1937/2019, p. 317)”. O sucesso parcial indicava assim o risco transferencial de precipitação do paciente para interromper o processo de trabalho.

Os desdobramentos desse caso, que o tornaram também tão polêmico, revelam aspectos transferenciais, questões diagnósticas e os limites de uma psicanálise, ou seja, do tratamento e da própria teoria em questão.

Ele nos é precioso por indicar um fator fundamental do trabalho psicanalítico: o tempo. O tempo certo, que precisa ser construído e operado com cada analisando, é decisivo para os desdobramentos das intervenções do analista. A coação, como Freud chama neste trabalho, não garante nenhum sucesso em si mesma pois “(...) enquanto uma parte do material se torna acessível sob a pressão [*Zwang*] da ameaça, outra parte permanece reclusa e com isso é

soterrada e se perde para o esforço terapêutico” (Freud, 1937/2019, p.318). Ele tinha ideia das limitações de tal procedimento limítrofe.

Qual é o manejo mais interessante para estagnação do trabalho de análise? Ferenczi (1930/2011), o grande interlocutor de Freud, propõe: acessar a autenticidade do paciente que depende da própria autenticidade do psicanalista.

Tendo isso dito, podemos nos perguntar se existe um curso natural de uma análise e, ainda, se é possível caminhar em direção a ele. Freud nos diz que:

A análise termina quando o analista e o paciente não mais se encontram para o trabalho analítico. Eles assim agirão quando duas condições forem cumpridas aproximadamente: a primeira, o fato de o paciente não sofrer mais com os sintomas e ter superado as suas angústias e suas inibições; a segunda, o fato de o analista julgar que tantas coisas recalçadas se tornaram conscientes para o paciente, tantas coisas incompreensíveis foram esclarecidas, tantas resistências interiores foram vencidas, que não precisa temer a repetição dos processos patológicos a elas relacionados. Se dificuldades externas impediram que se atingisse objetivo é melhor falar em uma análise incompleta do que em uma análise inconclusa. (Freud, 1937/2019, pp. 319-320)

Ao estabelecer alguns critérios para pensar o que seria o curso de uma análise, temos também elementos para nos orientar em relação ao fim de um trabalho analítico. Do lado do analisando, seria uma transformação ou a possibilidade de outros destinos para os sofrimentos decorrentes dos sintomas e outros destinos para as angústias e inibições.

Já ao analista cabe analisar se núcleos importantes do recalque do paciente são acessíveis à consciência. Além disso, há uma maior compreensão do paciente a respeito de suas questões se o trabalho com as resistências foi suficiente para que as repetições decorrentes deles

não mais produzissem sofrimento ou impedimento. Freud demarcou como objetivos do trabalho analítico: “o objetivo do tratamento nunca será algo diferente do que a cura prática [*praktische Genesung*] do doente, o estabelecimento de sua capacidade de realizar e de gozar (Freud, 1904[1905]/2019).”

A experiência de uma análise não seria a possibilidade de criar algo mais além de uma restauração? Seria isso o que marcaria quem passou por uma análise?

Freud nos responde que “(...) a análise permite que o Eu amadurecido e fortalecido possa proceder a uma revisão desses recalques antigos; alguns serão desmontados, outros serão reconhecidos, mas reconstruídos com material mais sólido. Esses novos diques têm uma durabilidade totalmente diferente dos antigos (...) (Freud, 1937/2019, p. 329)”.

A “irregularidade no efeito da análise” faz com que nos voltemos para os aspectos qualitativos dos desenvolvimentos e transformações. Assim, focamos apenas nos resultados, no que é perceptível, e esquecemos que esses processos costumam ser parciais. Os traços contraditórios, como uma pessoa excessivamente boa se entregando ao belicismo, mostram que essas características se fundam através da compensação e sobrecompensação, ou seja, não são totais (Freud, 1937/2019).

O fim de uma análise só pode ser estabelecido a partir dos limites da própria análise. Como o autor registra: “(...) a análise não trabalha com recursos de poder ilimitados, mas com recursos limitados, e o resultado final depende sempre das relações de forças relativas das instâncias em combate mútuo (Freud, 1937/2019, p. 333).”

Para nos ajudar a pensar os impasses assinalados por Freud, recorreremos a Lacan (1960/1998) ao dizer que “O que o neurótico não quer, o que ele recusa encarniçadamente até o fim da análise, é sacrificar sua castração ao gozo do Outro, deixando-o servir-se dela. (...) Pois imagina que o Outro demanda sua castração” (Lacan, 1960/1998, p. 841).

O sujeito neurótico é marcado por uma relação peculiar com o sintoma, pois ao mesmo tempo em que sofre, é constituído por ele. A neurose é aprisionante e tolhe as possibilidades de vida, mas também oferece uma proteção que lhe é familiar. Não é, portanto, simples ou fácil abrir mão desse lugar.

Ferenczi (1928/2011), em fértil diálogo com Freud, destaca a mudança em relação a fantasia que acontece num final de análise. Passando por uma transformação econômica, o paciente percebe que a análise se tornou obsoleta, pois, agora ele pode encontrar outras fontes de satisfação na própria vida. Exatamente por isso é possível chegar ao fim de análise.

O fim de análise destacado por Freud (1937/2019), em franca resposta ao questionamento de Ferenczi (1928/2011), é decidido pelo aspecto econômico do conflito pulsional. É o aprofundamento da análise, e não seu encurtamento, que possibilitaria a cura. O neurótico resiste ao confronto com a castração, outro nome da limitação e da diferença. Ao psicanalista cabe preparar-se o melhor possível, lidando antes com a sua própria castração em análise pessoal e, então, intervindo de forma que o paciente possa reexaminar e modificar sua posição.

Lacan indica que o fim da análise passaria, então, por essa mudança de posição. Ao poder ser algo além dessa amarração às demandas da cultura, dos outros e de nós mesmos. Como discípulo silencioso de Ferenczi, interrogou os analistas e a nossa prática incessantemente. Ao trabalhar a importância da feminilidade (Travassos & Paravidini, 2019) e o assujeitamento efeito do inconsciente (Travassos & Paravidini, 2020), Lacan retoma o debate entre Freud e Ferenczi sobre os impasses do fim de análise.

As mudanças da cultura, as novas tecnologias e possibilidades de atuação nos convocam à investigação de aspectos que circunscrevem o que seria um fim de análise. O tratamento psicanalítico foi criado a partir de modificações na técnica e se mantém potente à medida em

que reavaliemos suas bases. Devido a própria polissemia, o fim de análise é um conceito difuso e difícil de sistematizar e, por isso mesmo, um importante tema de estudo.

## **2 Justificativa**

Este trabalho se justifica pela importância da investigação dos fundamentos teóricos que embasam a intervenção psicanalítica em saúde mental. A psicanálise é a base teórica de diversas psicoterapias e o estudo e desenvolvimento de sua teoria fundamenta a prática, a discussão e a implementação de tratamentos e intervenções.

Além disso, a formação teórica se enlaça às possibilidades de pesquisa acadêmica contribuindo, portanto, para o desenvolvimento desta parte do tripé universitário de ensino, pesquisa e extensão.

## **3 Metodologia**

Foi realizada uma pesquisa de revisão bibliográfica orientada pelo método psicanalítico em obras de orientação freudiana, ferenciana, lacaniana e nas obras de Freud, Ferenczi e Lacan (Ferreira & Vorcaro, 2018; Gerhardt & Silveira, 2009).

### **3.1 Procedimentos**

Partimos de obras freudianas que contemplaram definições dos objetivos de um tratamento psicanalítico. “O método psicanalítico freudiano” (1904[1905]/2019) e “Análise finita e infinita” (1937/2019) foram os disparadores.

Do debate entre Ferenczi (1907/2011) e Freud (1937/2011) a respeito do fim de análise, os trabalhos subsequentes de Ferenczi (1928/2011; 1930/2011; 1933/2011) foram convocados.

Na costura desses debates recorreremos a Lacan (1960/1998) e contribuições epistemológicas, políticas e culturais para pensar as transformações clínicas.

Após a investigação inicial, selecionamos os trabalhos mais relevantes para a investigação do fim de análise e os seus desdobramentos para a concepção psicanalítica e o trabalho clínico.

### **3.2 Análise de Dados**

A pesquisa em psicanálise diferencia-se por incluir o pesquisador no trabalho, ou seja, os resultados atravessam e são determinados por seus investigadores. Dessa forma, os norteadores do trabalho de pesquisa psicanalítico são também os pilares do trabalho psicanalítico: a atenção flutuante, a interpretação e a transferência (Ferreira & Vorcaro, 2018). Após a seleção de temas relevantes para a investigação do fim de análise articulamos os achados às noções contemporâneas de trabalho clínico. Com um incessante retorno a Freud, apresentamos algumas reflexões clínicas e metapsicológicas.

## **4 Resultados e Discussão**

### **4.1 O fim de análise**

O fim de análise nos convoca a pensar não apenas seu término e toda a seara que essa problemática comporta (análise finita ou infinita, interrupções e abandono de tratamento) mas também sua finalidade. Qual o objetivo de uma psicanálise?

Ainda temos outra indicação interessante na definição de Freud do trabalho analítico: uma análise incompleta. Considerando a diversidade de fatores que influenciam a continuação de um trabalho analítico, a interrupção do mesmo, por si, não invalida o trabalho realizado até então. Pensamos que mesmo um trabalho considerado incompleto pode trazer transformações àquele que procura uma análise.

Nessa discussão, encontramos também a pergunta: é possível esgotar, ou melhor, chegar a um ponto de garantia, onde a “normalidade psíquica absoluta” seria estável e duradoura, onde todos os recalques seriam dissolvidos e todas as lacunas de memória preenchidas? Freud (1937/2019) afirma que é possível eliminar o distúrbio neurótico, de forma que este não retorne e não seja substituído por outro distúrbio, o que seria considerado um sucesso analítico. Vejamos como Freud configura essa possibilidade de sucesso.

O Eu dos pacientes não mudou de forma evidente, e a etiologia do distúrbio era essencialmente traumática. *A etiologia de todos os distúrbios neuróticos é mesclada; trata-se ou de pulsões excessivamente fortes, ou seja, que se rebelam contra a domaçaõ [Bändigung] pelo Eu, ou do efeito de traumas precoces, isto é, que ocorreram antes do tempo, dos quais um Eu imaturo não conseguiu se apoderar.* Em geral, trata-se de um efeito conjunto dos dois momentos, o constitucional e o acidental. Quanto mais forte for o primeiro, mais provavelmente um trauma levará à fixação e deixará um distúrbio evolutivo como resquício; quanto mais forte for o trauma, maior será a certeza de que ele expressará a sua lesão [Schädigung] mesmo em condições pulsionais normais. Não resta dúvida de que a etiologia traumática oferece a oportunidade mais vantajosa de todas à análise. *Apenas no caso eminentemente traumático, a análise fará o que sabe fazer com maestria: substituir a resolução insuficiente dos primeiros tempos, graças ao fortalecimento do Eu, por uma consecução correta.* Só em um caso desse tipo pode-se falar em uma análise definitivamente encerrada. Aqui, a análise desempenhou o seu papel e não precisa ser continuada. (Freud, 1937/2019, pp. 320-321, grifos nossos)

Temos aqui vários pontos importantes. Retomando o que podemos esperar de uma análise, precisamos partir de seus objetivos e objetos de trabalho. Para Freud, trata-se aqui do

tratamento da neurose. A etiologia das neuroses configura-se pelo o atropelamento do Eu, seja pela força das pulsões ou pelo encontro com eventos traumáticos. Considerando que um Eu mais forte ou preparado estaria em melhores condições para lidar com os acontecimentos traumáticos, o autor marca que assim a análise alcançaria seus melhores resultados e, portanto, nos aproximaríamos de um final de análise. Nesse caso, a boa consecução de um tratamento estaria do lado do fortalecimento do Eu para lidar com as exigências pulsionais, tanto sexuais como destrutivas.

Mas, seria possível a um analista psicanalisar algo que não seja marcado por um sofrimento atual? Ou seja, seria possível uma análise profilática? Buscar e até mesmo provocar questões para que sejam já elaboradas e, então prevenir um sofrimento futuro? Freud (1937/2019) nos apresenta todos indícios dessa real impossibilidade. O tempo, como já marcamos anteriormente, é um fator fundamental. Além disso, essa hipótese parte de uma concepção de constituição psíquica unívoca e unidirecional. O que Freud traz de tão marcante é uma complexa concepção de que as ‘fases’ do desenvolvimento libidinal não são *checklists*, mas são móveis, múltiplas e coexistem.

Roudinesco e Plon (1998) consideram que o outro caso narrado por Freud em “Análise finita e infinita” (1937/2019) pode ser Emma Eckstein (1865-1924). Fundamental na separação de Freud das ideias de Fliess, os efeitos colaterais iatrogênicos experimentados pela paciente foram marcantes para Freud abandonar a teoria da sedução e começar a trabalhar com a perspectiva da fantasia. Além disso, os autores marcam que Eckstein foi a primeira mulher a receber pacientes e realizar um tipo de supervisão de Freud. Ela inclusive escreveu artigos. Ou seja, criou e viveu uma vida para si mesma, especialmente se considerarmos a época em que isso se deu, até meados de 1905. Ela adoeceu por causa de um mioma e não se recuperou depois disso. Especula-se que, sem esse novo trauma, não ocorreria uma nova neurose.

Ainda que essas possibilidades nos façam pensar, não podemos esquecer que o que está sob nosso controle é o que se apresenta a nós. Como analisando e analistas.

Então, é possível pensar algo que constitua uma cura analítica duradoura? Freud enumera as exigências e impasses de seu tempo:

(...) ser possível eliminar um conflito pulsional (ou melhor: um conflito entre o Eu e uma pulsão) definitivamente, para todo o sempre; segundo, poder ser possível – digamos – vacinar uma pessoa contra todas as outras possibilidades de conflito enquanto tratamos desse conflito pulsional específico; terceiro, que temos o poder de despertar um tal conflito patogênico que no momento não se manifesta por qualquer sinal, objetivando um tratamento profilático(...) (Freud, 1937/2019, pp. 324-325)”.

Há muitas expectativas numa análise, que trazem à tona discussões como a duração de uma psicanálise, a abreviação do tempo de trabalho e efeitos profiláticos. Essas preocupações se fundem a uma anterior: a busca de garantias. Esse tipo de certeza, que se procura no outro, é impossível de ser sustentada.

Que o paraíso idílico das certezas não nos seja possível, temos, entretanto, um outro elemento trazido por Freud, e que nos mostra outras possibilidades de um fim de análise. Além do tratamento dos sofrimentos psíquicos, outros horizontes começaram a ser vislumbrados com a análise didática. “A intenção era provocar um esgotamento profundo das possibilidades de doenças e uma transformação profunda da pessoa (Freud, 1937/2019, p. 325)”, o que trouxe também uma mudança de possibilidade do que se busca numa psicanálise. Isso começou com quem almejava trabalhar como analista, mas certamente não se restringiu a eles.

A resolução duradoura de uma exigência pulsional não passa pelo seu desaparecimento, mas pela possibilidade de fazer outras coisas, como “(...) ‘domação’ [*Bändigung*] da pulsão.

Isso quer dizer que a pulsão foi acolhida completamente na harmonia do Eu e é acessível através das outras aspirações no Eu, não trilhando mais os seus próprios caminhos em busca de satisfação” (Freud, 1937/2019, p. 326).

(...) a experiência cotidiana nos ensina que toda decisão de um conflito pulsional só vale para uma determinada força pulsional, ou, dito de modo mais correto, só vale em meio a uma determinada relação entre a força da pulsão e a força do Eu. Se a força do Eu diminuir, devido a doença, esgotamento ou assemelhados, todas as pulsões até então domadas com sucesso poderão voltar a anunciar as suas exigências, almejando satisfações substitutas através de caminhos anormais. Quem nos fornece a comprovação irrefutável dessa afirmação é o sonho noturno, que reage à preparação do Eu para o sono com o despertar das exigências pulsionais. (Freud, 1937/2019, p. 327)

Com Dunker (2011) temos alguns eixos de trabalho que se articulam aos objetivos de uma psicanálise: a cura, o cuidado de si e a transformação. O tratamento (*Behandlung*) e a cura (*Kur*) articulam nossas concepções e expectativas de psicoterapia e trabalho clínico à medida que se aproximam ou se afastam da noção de reestabelecimento (*Heilung*).

Essa origem bífida proposta pelo autor nos ajuda a compreender a multiplicidade de finais de análise. Lidar com um sintoma, transformar a própria posição frente a um sofrimento ou inventar novas formas de lidar com as dificuldades apresentam-se das mais diversas formas.

O tratamento (*Behandlung*), a dimensão da psicanálise que se explicita ao falar do seu término, surgiu como tratamento das neuroses, ou seja, do sofrimento que advém de um conflito. A psicanálise tem uma organização temporal contraintuitiva, que nos solicita a trabalhar fazendo costuras no tempo. A perlaboração acontece a partir desse movimento dialético.

Além disso, o fim de análise é uma oportunidade de elaboração estruturada pela formalização que o analista faz a partir de sua construção do caso clínico. Como Dunker (2011) assinala, o caso clínico permite a elaboração do luto do fim da análise do lado do analista.

O fim de análise não pode ser “obtido” pelo psicanalista e nem é “encontrado” pelo analisando porque não está dado, à espera de que topemos com ele. É construído a partir da mudança de posição, ou da elaboração de alguma rigidez idealizadora que impedia o sujeito de lidar com suas verdades.

Portanto, a verdade produzida numa análise existe articulada à singularidade de cada sujeito. Não há fim de análise a priori, posto que ele o é constituído a partir das transformações de posição, da escuta de si mesmo e mudança resultante do encontro do sujeito com a verdade que o causa. Essa aposta condensa o que diferencia a psicanálise de outras propostas de tratamento.

Não há alta imposta, e se as formações do inconsciente são infinitas, o fim de análise é estabelecido pelo analisando. Entretanto, o analista tem a prerrogativa de pontuar quando percebe núcleos importantes ainda não trabalhados que sobredeterminam a dinâmica do analisando (Goldenberg, 2019).

Através da produção de uma verdade, numa relação dialética com o poder, uma verdade disjuntiva, e não totalizante, podemos vislumbrar o que de mais radical a psicanálise pode oferecer. Uma psicanálise busca a construção de um saber não subjugado pelo poder inerente a todo saber. Subverter o poder é fazê-lo circular.

Um ideal psicoterapêutico que sempre retorna ao campo, entrelaçado aos momentos socioculturais e suas demandas, é o de dominar a si mesmo. O polo oscila entre a insistência de dominar aos outros pela lei, pela religião ou por ideais políticos, sociais, “de saúde”, sexuais, econômicos e recai em dominar a si mesmo frente a impossibilidade da primeira tarefa.

O problema é que dominar a si mesmo é tão impossível quanto dominar os outros (Dunker, 2011). O que nos resta fazer, então? Para começar, entender nossa necessidade de dominar. Será que nossa única relação possível é a de posse e imposição? O conflito, como apresentou Freud desde “A Interpretação dos Sonhos” (1900) nos acompanha, mas as saídas que não envolvam submissão ou dominância, quais seriam?

Pensando a partir de Freud (1937/2019) que as análises interrompidas, que não chegam ao seu fim, podem ser chamadas de incompletas, em detrimento de inconclusas, vemos o horizonte da marcação de que a psicanálise não impõe um final e nem uma finalidade universal. Logo, é trabalho do analista possibilitar essa outra relação entre o saber e o poder.

Além dos conflitos, a psicanálise trabalha com a ambivalência, o que nos permite deduzir as contradições inerentes à divisão subjetiva. As contradições estruturam a metodologia de trabalho psicanalítica. A partir da devolução ao sujeito de sua fala, ele pode perceber como se posiciona naquele instante. O trabalho de uma análise é a síntese disjuntiva que nunca termina, exatamente porque nossas articulações nunca se esgotam.

A cada repetição algo novo pode ser criado. A própria percepção das condições de assujeitamento oferecem a possibilidade de uma outra relação, não mais mediada pela dicotomia entre submissão e rechaço, mas permitindo ao sujeito voltar-se a si mesmo e as suas determinações a partir do olhar do Outro.

## **4.2 Cura**

Iniciei este trabalho buscando formalizar o que caracterizaria algo da transformação operada num dispositivo de escuta clínica psicanalítica.

Entretanto, o encontro com discussões como a de Neves (2020), presentes em seu artigo “A dimensão política da cura em psicanálise”, me permitiram retornar à questão de outro lugar. Além de marcadores para pensar o fim de análise, tão importantes na formação analítica e na

transmissão da psicanálise, é fundamental, especialmente no momento em que vivemos, refletir sobre o que esperamos de um tratamento psicanalítico.

O fim de análise, portanto, passa pela discussão de cura e seu incontornável atravessamento político. A cura psicanalítica é diferente do modelo biomédico, fortemente atravessado pela noção de retorno a um estado anterior de saúde. No modelo biomédico há uma normalidade associada a saúde que pode ser objetivamente mensurada. Pressão arterial, número de hemácias ou massa corporal ideal. Entretanto, a cura psicanalítica trabalha na direção oposta disso, a medida em que propõe uma transformação. Passa-se de um estado ao outro, como na cura de um queijo (Dunker, 2011), e não buscando um retorno.

Um dos pilares da psicanálise é saber que idealizamos o retorno, o reencontro. Ao construir a noção de objeto, algo fora de mim, também inscrevemos a insatisfação. É uma ilusão, necessária, acreditar que “antes é que era bom” ou que em algum momento fomos perfeitamente felizes, na infância e nos primeiros encontros com a satisfação. O apego rígido a esse ideal, entretanto, impede de viver.

Estabelecer uma cura ou fim de análise universal vai, portanto, na contramão da psicanálise. Ter como referência um estado normativo ideal como sinônimo de saúde e cura é incompatível com a proposta psicanalítica. A finalidade de qualquer tratamento passa por concepções de saúde e doença que são determinadas pela cultura em que estamos inseridos. Por consequência, o tratamento e a cura são construções históricas e políticas.

Olhar para o que não deu certo é o motor da psicanálise. Os casos clínicos de Freud, começando com o Caso Dora (1901[1905]/2016), nos permitem olhar para a lógica de constituição da teoria. Entender como uma teoria se estrutura é o que nos permite combater o anticientificismo e o irracionalismo. Não com o dogmatismo fanático, achando que se tem a verdade última, mas olhando talvez para o que não deu certo, para o que foge do que já sabemos, talvez esse seja um caminho interessante para as ciências psicológicas.

Neves (2020) comenta o caso da mulher relatado no texto “Sobre psicanálise ‘selvagem’” (1910/2019). Exemplifica mesmo a teoria psicanalítica, pode ser utilizada de forma normativa, buscando adequar os pacientes a um ideal de saúde. A mulher que procura o médico por causa de “estados de angústia” e recebe a indicação médica de que deveria ter algum alívio sexual voltando com o marido de quem tinha se divorciado, arrumando um amante ou recorrendo à masturbação para lidar com a sua condição resultante de necessidades sexuais. As saídas oferecidas por ele são meios de adequar a paciente à uma concepção normativa e universalista de saúde.

Desse caso, podemos pensar que, em vez de investigar os estados de angústia, a separação, o casamento e tantas outras possibilidades de trabalho, em vez de abrir, o médico fecha a questão. Oferece saídas que, ainda que para a época pudessem ser consideradas inovadoras, pois relacionadas a importância do aspecto sexual, elas buscam apenas asfixiar a angústia, apagando seu potencial transformativo. Uma paciente tão interessante que foi ultrajada por essas colocações vai procurar o próprio Freud para confrontá-lo!

Tantas questões poderiam ser trabalhadas nesse caso. Mas a cura, ou fim de análise, como retorno a um estado anterior é antifreudiana. A psicanálise busca o além do óbvio. E para isso é preciso ser capaz de olhar para as coisas de outras perspectivas.

O fim de análise se entrelaça a uma transformação. Uma mudança em relação a percepção de si mesmo e do próprio percurso (Neves, 2020). Dos caminhos percorridos, das experiências vividas e de como isso afetou àquele que busca uma psicanálise. É a construção de uma outra normalidade, com outra dinâmica de relação face às exigências impostas pela família, pela sociedade e pelo Supereu.

Toda cura psicanalítica passa por um processo de indeterminação, o que torna impossível saber, antecipadamente, como ela acontecerá para cada sujeito. A incerteza é possibilidade (Neves, 2020). A neurose consiste na crença de que o outro sabe mais e pode

mais. Por dedução, fica-se subentendido que o outro ameaça o neurótico pois o confronta com a castração. Nesse duplo engodo, de que o outro pode tudo e eu nada, perde-se o efeito de fundação do sujeito da castração. Assim sendo, a neurose se circunscreve na certeza aprisionante de que há no Outro um saber sobre mim, mergulhando numa busca interminável por este saber que lhe permita escapar da castração.

Dessa forma, a psicanálise propõe outra forma de lidar com os ideais, não mais se posicionando apenas a partir do Outro, mas considerando também a própria voz. Portanto é inconcebível pensar a saúde como um funcionamento ideal e a clínica como instrumento de conformação. Cabe também lembrar que o que é considerado patológico muda conforme a sociedade e a história.

Uma dimensão de mal-estar sempre nos acompanha em diferentes roupagens e dinâmicas. Livrar-nos dele não é uma opção, como Freud (1930/2020) assinala. E tentar apagar as moções destrutivas que constituem nossos conflitos psíquicos tem sistematicamente levado à violências.

A saúde de um sujeito não é a mesma depois da cura. A cura psicanalítica vai além de retirar sintomas ou reposicionar-se por novos ideais. Ela busca construir novas possibilidades, apostando que estas podem ser mais interessantes para aquele sujeito do que as antigas.

#### **4.3 O manejo ferenciano da análise: influências na escola inglesa**

Bernardes (2002) nos diz que Ferenczi (1873-1933) foi o primeiro analista a enlaçar o fim de uma análise à formação do analista, ou seja, um fim de análise produziria um analista. É a partir de uma experiência de análise que se pode aprender a lidar com o narcisismo e, portanto, ocupar a posição de analista.

O instrumento de um analista é a escuta. Uma psicanálise, segundo Ferenczi (1928/2011), depende do “tato psicológico” que consiste em trabalhar com o inconsciente a

partir do próprio saber construído na análise pessoal (Bernardes, 2002). Isto é fundamental para navegar as águas violentas da transferência, que exigem o fino tato entre os princípios da frustração e do relaxamento (Ferenczi, 1928/2011).

É o tato analítico que permite calcular a justa medida de uma intervenção, não sendo complacente demais, a ponto de ferir a abstinência necessária para que o analisando queira se curar, e nem sendo dura demais, fazendo-o reviver as situações que levaram ao adoecimento psíquico.

Para que o fim de análise seja possível, o analista precisa manejar as identificações, indo além delas. O manejo da transferência, afinal de contas, abarca também a sua dissolução.

Como os conselhos de Freud (1912/2019) nos escritos técnicos se caracterizam pela negativa, ou seja, marcam o que deve ser evitado, justificando-o metapsicologicamente, não há sistematização clara do que pode ser feito, ficando a cargo de cada analista determinar o que é cabível em cada tratamento que conduz.

A análise, define Ferenczi (1928/2011), é um instrumento de exploração. Portanto, depende das possibilidades da dupla formada pelo psicanalisando e pelo psicanalista. Ressalta-se, assim, a importância do tato psicológico construído no processo da análise pessoal do analista.

Daí a importância da segunda regra fundamental da psicanálise, sendo a primeira a associação-livre de ideias: que o analista tenha passado por uma análise (Ferenczi, 1928/2011). O tato psicológico proposto por Ferenczi é um método para a ética da psicanálise. O conhecimento obtido na própria experiência de análise, parte fundamental da formação do analista, é o que lhe possibilita operar com o saber inconsciente.

As exigências da posição de analista, tais como lidar com o próprio narcisismo – a humildade ou modéstia que advém de reconhecer os próprios limites e conseguir fazer com eles, não sem eles - e com as reações afetivas que atravessam uma análise, requerem que o

analista tenha elaborado suas próprias questões para que esteja em condições de conduzir um tratamento. Sem estas condições iniciais, um fim de análise não pode sequer ser vislumbrado.

Ferenczi (1928/2011) considera que um dos principais resultados da psicanálise é aprender a suportar um sofrimento. Podemos entender essa definição como a transformação que permite àquele que antes era esmagado por seu sofrimento inventar outra relação com o sofrimento. Muda-se a própria concepção de sofrimento singular e surge a possibilidade de não mais ser aprisionado por algo alheio e desconhecido em si mesmo.

O saber advindo de uma análise produz mudanças impossíveis de serem previstas *a priori*, pois dependem da própria análise da transferência. Esta perspectiva, portanto, fica longe de uma aceitação derrotista.

O analista precisa manejar três dimensões para trabalhar com a interpretação: o “tato psicológico”, a auto-observação e a avaliação – de si mesmo e da situação analítica (Ferenczi, 1928/2011). A elaboração, o momento mais delicado de uma análise e que precede as transformações, funciona dinamicamente. A cada nova mudança atinge-se, retroativamente, todo o material já trabalhado. Assim, são afetados os mecanismos de funcionamento sintomáticos do paciente e a própria transferência, ou seja, o que aconteceu em análise também se torna parte da elaboração.

A cura em psicanálise acontece com a desconstrução dos imperativos do superego. Para utilizar o tato, a auto-observação e a avaliação, o analista precisa ser capaz de manejar o próprio superego e o próprio narcisismo. Este saber se constrói na análise pessoal (Ferenczi, 1928/2011). Assim, é possível trabalhar o superego do analisando, diminuindo sua rigidez e exigências mortíferas que constituem a parte fundante dos conflitos que levam aos sintomas.

Além disso, havemos de considerar que um dos objetivos finais do tratamento é a dissolução da transferência. Para que isso seja possível, o Superego precisa ter sido analisado. Com isso queremos dizer que as exigências de certeza e a rigidez dos ideais precisam ter

passado por uma transformação significativa, possibilitando assim uma outra relação com o amor. Esses três aspectos dão corpo à transferência, instrumento e objeto de trabalho psicanalítico.

Kuperman (2019) cita Ferenczi (1931/2011) quando este destaca que a insinceridade, outro nome para a mentira, surge como resultado da clivagem da personalidade, em resposta às experiências traumáticas. A partir dessa formação defensiva, formam-se vários superegos. As experiências traumáticas levam à perda da autenticidade. A autenticidade é o que possibilita a criação da imagem de si mesmo e de campos de investimento libidinal, ou seja, da constituição de relações.

O fim de análise produz alguém capaz de desfrutar simplesmente a vida, tarefa que muitas vezes não é nada de simples. Para tal, é necessário alcançar uma elasticidade que a própria técnica analítica exige do psicanalista (Ferenczi, 1928/2011).

A elasticidade ferencziana não é “aceitar qualquer coisa”, mas sim o contrário disso (Ferenczi, 1928/2011). É saber onde e quando agir. É avaliar, conhecer e sentir com o tato psicológico para poder sustentar as posições que importam.

A mentira, ou outro nome para a fantasia que se constrói para lidar com as exigências impossíveis, perde sua função (1927/2011). Elaborando uma relação menos rígida, aprisionante e exigente com os ideais opera-se uma transformação no superego.

Kupermann (2019) aprofunda essa discussão ao propor que um fim de análise, pensado por Ferenczi (1927/2011) a partir da proposição da superação da mentira, consiste na superação da identificação ao agressor, subsequente aos episódios traumáticos. Dessa forma, é possível acessar a autenticidade, através da neocatarse resultante do manejo adequado da transferência.

Este manejo é possível quando a técnica psicanalítica pode ser compreendida a partir de um saber construído na análise própria. O manejo das resistências exige do analista que este

trabalhe seus próprios afetos, conseguindo, assim, de forma autêntica conduzir um trabalho analítico.

A autenticidade é o avesso da mentira (Kupermann, 2019). É, portanto, um dos objetivos da psicanálise. A mentira é a formação fantasística necessária para lidar com as impossibilidades de uma cultura, dos relacionamentos e de si mesmo. Quando o analisando pode escolher e, mais do que isso, confiar em sua própria escolha, a submissão à mentira, ao sintoma e ao trauma podem ser quebrados. É possível finalmente afirmar algo, parando de negar-se a si mesmo. A contradição não é mais fonte de angústia e sim de possibilidade.

Ferenczi registra que o grande salto de Freud foi ver além das fantasias neuróticas. “Ainda que certas alegações de pacientes fossem mentirosas e irreais, a realidade psíquica da própria mentira subsistia como fato irrefutável” (Ferenczi, 1930/2011, p. 63).

A mentira, portanto, é o material que nos permite acessar a posição que o analisando precisa assumir para lidar com suas dificuldades. É através do trabalho dela que é possível, ao fim de uma análise, abrir mão da mentira, pois ela se torna obsoleta.

Se a psicanálise pode ser definida como a técnica da associação livre, da resistência e da transferência, o objetivo de uma psicanálise é melhorar as capacidades e as possibilidades de realização do paciente, através da melhor distribuição de energia entre as forças psíquicas (Ferenczi, 1930/2011).

Numa análise, buscamos que a repetição, sofrimento e o que acontece à nossa revelia possam ser finalmente recordados, isto é, vividos de fato. Recordar, psicanaliticamente, não é apenas dar nomes mas, especialmente vivenciar os afetos, sem o temor de ser aniquilado por eles. O saber inconsciente, não só racional ou nominativo, que causa sofrimento, pode, então, ser elaborado. Finalmente, não há mais necessidades de intrincados jogos neuróticos para se proteger deles.

O fim de análise é marcado, portanto, pela autenticidade (1930/2011). É a possibilidade de acessar a liberdade infantil perdida na defesa ante ao traumático. Este infantil não quer dizer algo inicial, primitivo ou menor, pelo contrário, é o contato com a capacidade criativa, a ingenuidade fundante que permite apostar no que está por vir.

Há algo disso que se faz necessário na contrapartida do analista. Este deve ser capaz de abandonar o que Ferenczi (1933/2011) chama de “hipocrisia profissional”, considerada como a incapacidade de assumir os próprios erros, o que traria ao setting essa experiência de liberdade infantil e autenticidade. Soma-se a isso o fato de que os psicanalistas que não trabalham suas questões em suas análises pessoais estão mais propensos a darem vazão às tendências sádicas, masoquistas ou, mesmo por inépcia e apego às idealizações da posição de analista, repetirem as situações infantis que levaram o paciente a adoecer.

Outra definição, relativamente bem aceita no campo psicanalítico, é a de que um dos objetivos do fim de análise é a dissolução da transferência. Portanto, este manejo torna-se ainda mais fundamental, orientando-se em direção a liberdade, pois, abandonar o aprisionamento frente as identificações e da(s) transferência(s) tirânica(s) anotadas por Ferenczi (1928/2011) são marcos fundamentais de que houve ali uma psicanálise.

A partir destes recortes ferenczianos, percebemos que a transformação produzida numa psicanálise consiste num manejo do saber sobre si mesmo, que não seja calcado numa tentativa de dominação. O saber construído numa análise permite maior liberdade de viver. Um analista de si mesmo é alguém que pôde encontrar-se com os aspectos mortíferos do próprio narcisismo e engendrou outros destinos.

Ferenczi (1927/2011) demarca o fim de análise por seus ganhos: saber mais sobre si mesmo, lidar melhor com as dificuldades inevitáveis da vida e uma distribuição de energia mais interessante.

Encontramos aí formas de expressão da autenticidade – ou ingenuidade infantil (Ferenczi, 1930/2011). Partimos disso no início do tratamento: a importância da escolha por ele. Isto é exigido do analisando. A contrapartida do analista é fornecer as condições para que um trabalho psicanalítico aconteça.

O fim de análise como produtor de um analista pressupõe não alguém com *furor curandis*, ou necessidade de tudo analisar, mas muito pelo contrário. Um analista de si mesmo ou que pense em conduzir tratamentos de outras pessoas é aquele que, por conhecer os desafios da cura, respeita as possibilidades de cada um (Ferenczi, 1930/2011). Afinal, a cura passa pela elaboração das separações, pelo luto do amor narcísico e pela separação da versão idealizada de si mesmo, aprisionante, mas que garantia alguma certeza.

#### **4.4 O fim de análise em Ferenczi: a contraposição à Freud**

O diálogo entre Ferenczi (1927/2011) e Freud (1937/2019) é notável, especialmente por se dedicar aos impasses da psicanálise. As dificuldades do tratamento, os problemas da técnica e as aspirações dos psicanalistas foram alvo de trabalhos de ambos. O fim de análise foi também objeto de debate dos psicanalistas.

Ferenczi (1927/2011) busca sistematizar marcadores de um fim de análise. Sugere teses radicais como a de que não há diferença entre uma análise didática e uma análise terapêutica. Esquadrinha o tema e mostra que o fim de análise está atrelado a uma análise de caráter, ou seja, é preciso ir além da dissolução de sintomas e realizar um trabalho que abarca toda a história do paciente. Esse aprofundamento da análise exige uma extensão significativa do processo analítico.

Este é um momento de dissenso com Freud (1937/2019) que marca as irregularidades e limitações de uma análise. Ainda que ambos ressaltem a importância do aprofundamento da análise, e de que a relação com o tempo é um fator tanto prático quanto psíquico do trabalho, a

expectativa de um fim de análise articulado a uma finalidade ambiciosa – a análise de caráter – traz consequências clínicas e políticas.

Uma das confusões sobre o fim de análise diz respeito ao “fortalecimento do Eu”, bem como da análise profilática e afins. Retomando Freud (1937/2019) e partindo da sugestão de resolução duradoura de uma análise com o estabelecimento de uma relação harmoniosa entre a pulsão e as aspirações do Eu, podemos pensar em uma direção clínica contrária. Não é necessário, se é que é possível, fortalecer o Eu, mas sim flexibilizá-lo. O fortalecimento, tão associado à rigidez, à não-afetação, aproxima-se de estados patológicos, de profundo sofrimento, de apatia e dissociação. Não é preciso fortalecer o Eu, pensando em identificações ou sugestões, mas construir sua fluidez.

Freud (1937/2019) escreve sobre dois aspectos que acarretam dificuldades em terminar as análises: a pulsão de morte e seus efeitos de resistência ao término da análise e a recusa a alteridade apresentadas no complexo de masculinidade na mulher e no horror ao feminino no homem. Este último é expressado em franca oposição à exigência de Ferenczi (1927/2011) de que tais complexos fossem efetivamente esgotados, numa manobra profilática, para que se considerasse a análise concluída.

Além do debate com Freud, o trabalho de Ferenczi (1927/2011) nos fornece vários indicadores de uma análise terminada. A separação entre a fantasia e a realidade, permitindo maior liberdade à medida em que não é mais preciso escapar de experiências desagradáveis através da fuga para a doença e o surgimento de material novo seriam indícios de que uma transformação qualitativa e quantitativa ocorreu.

“Abandonar a tendência para mentir” (1927/2011) é outro indicador de que o fim de análise se aproxima. Isso nos faz pensar, além da articulação entre moralidade e mentira e as renúncias impostas na criação do Ideal do Eu e do Supereu, que é só retroativamente, após um ponto de perlaboração em análise, que é possível olhar para própria história e denotar isto ou

aquilo como “mentira”. Mais do que um julgamento apoiado na moral de uma época, uma transformação em análise permita olhar a própria história a partir de referenciais próprios.

Outro sinal do término de análise é o esgotamento do trabalho (Ferenczi, 1927/2011). Não depende da alta dada pelo psicanalista, da dificuldade de dissolução da transferência e nem da interrupção por parte do paciente. É o próprio efeito da trabalho: a análise deixa de ser (a maior ou única) fonte de gratificação para o analisando e ele pode renunciar ao tratamento, apostando em si mesmo e na vida para construir outros caminhos interessantes.

Perceber, portanto, que a fantasia é um meio, não o fim é um dos indícios que a análise chegou ao fim (Ferenczi, 1927/2011). Subverter a rigidez da fantasia e poder separar-se das exigências que construímos nos permite viver, nem tão culpados por nossas impossibilidades e nem tão amarrados aos nossos ideais.

#### **4.5 Nossa amarração**

Freud (1937/2019) ofereceu os fundamentos para a nossa reflexão. O objetivo de uma análise é a cura possível, ou prática, a partir dos parâmetros do analisando. O que acontece num tratamento psicanalítico é o trabalho do enrijecimento psíquico.

Para isso, entretanto, partimos das condições de cada época e cultura. As neuroses contêm em si mesmas a armadilha de serem consideradas menos graves e, portanto, deveriam ser superadas rapidamente. O tempo, um operador fundamental da psicanálise se apresenta, tanto nas contingências que oferece, quanto em sua faceta distinta do tempo cronológico (à posteriori).

Um fim de análise é alcançado quando aquilo que incomodava e impedia a vida do paciente se dissolve. Do ponto de vista psicodinâmico, acontece quando o recalco que se tornou consciente permite que as resistências sejam trabalhadas e o que antes era

incompreensível e intrusivo sofre uma transformação. O sofrimento encontra outro destino, além dos sintomas e das inibições.

A multiplicidade dos fins de análise se faz presente desde o início da Psicanálise e sua origem múltipla: da psicoterapia e da clínica propondo uma nova concepção de cura. A invenção de uma saída depende das possibilidades de cada paciente e de seu enlaçamento à cultura.

O que pode ser considerado um trabalho bem sucedido, portanto, é uma mudança tal que não é substituída por outras formações sintomáticas. Não há análise profilática, mas um trabalho analítico que tenha atravessado os conflitos neuróticos existentes que oferece, àquele que sofria, outra possibilidade de pensar a posição de sujeito dividido, ou seja, a relação com a alteridade íntima de cada um.

A transformação do tempo psicanalítico auxilia nessa mudança. Um Eu “analisado” que pode atualizar o tempo do trauma. Isso não acontece, entretanto, por um fortalecimento. Pelo contrário, a ânsia por uma “cura” definitiva seria na verdade a mortificação da vida – “não ser mais afetado por nada em momento algum” – se mostra uma fantasia neurótica.

A mudança esperada por uma análise é a construção de um saber. Este saber não equivale a um acúmulo de informações, mas sim requer a construção de um saber-fazer a partir da experiência singular de cada, a medida em lida com o real da castração. Com o estabelecimento de uma outra forma de lidar com o impossível de ser simbolizado, sem o enrijecimento defensivo neurótico. Aqui nosso caminho se entrelaça a um outro, que pode começar no fim da análise. A formação do psicanalista. Aquele que aprendeu a navegar as próprias pulsões e que se aventurou a conhecer as exigências do próprio Supereu, também entra em contato com a autenticidade e, portanto, está em condições mais interessantes de fazer esse percurso agora de um outro lugar: o de analista.

O Eu transformado, ou seja, não apenas fortalecido, lida com os conflitos de forma diferente e pode olhar para as defesas antigas com outras perspectivas. Como mencionado por Lacan (1960/1998), o fim de análise passa pela mudança de relação com a castração. Esta deixa de ser vista como limitação e passa a ser ponto de partida.

O restabelecimento na cura psicanalítica não tem relação com um retorno, pelo contrário. A idealização de um retorno a um estado anterior como cura é neurótica. O trabalho caminha na direção contrária, a de uma construção inédita.

O acesso à autenticidade infantil requer uma transformação: conseguir separar-se, abrir mão, lidar com a castração. Dessa forma, há uma mudança, não um retorno, e por consequência esse encontro com o infantil de cada um é mais potente. A psicanálise subverte o conceito de infantil, mostrando-o como fonte de saúde e potência criativa, e não como algo primitivo, limitado e não desenvolvido.

Uma das exigências do nosso tempo, que se converte em ideal, é o de fortalecer-se a ponto de ser capaz de dominar a si mesmo. Entretanto, a teoria psicanalítica revela o paradoxo: a tentativa de controle é aprisionante e leva ao descontrole. Somos atravessados pelo poder, mas tentar agarrá-lo dá mostras da ferocidade da pulsão de morte. O verdadeiro fortalecimento possível não é violento e rígido. Pelo contrário, traz fluidez e movimento, um melhor arranjo entre as combinações pulsionais.

Assim, a fuga para a doença torna-se obsoleta. Quando a realidade deixa de ser ameaçadora, a fantasia abandona sua rigidez. Ferenczi (1927/2011) assinala que abandonar a necessidade de mentir é uma das transformações encontradas no fim de análise, a medida em que é possível olhar para a própria história a partir de referenciais próprios e não mais orientado para exigências aprisionantes.

O próprio esgotamento da análise como possível fim advém da sustentação dessa posição do analista: a de consentir que o analisando diga adeus. Se a abstinência freudiana é

sustentada, a análise não se torna uma fuga substituta do sintoma e o paciente pode encontrar outras fontes de satisfação na própria vida. Dessa forma, a análise pode terminar.

Nessa seara, temos o fortalecimento do Eu, que se confunde tão facilmente com alimentar a rigidez superegógica. No entanto, o fortalecimento do Eu não acontece por ação direta, mas paradoxalmente quando o Supereu deixa de ser tão rígido. De acordo com Ferenczi (1927/2011), quando a separação entre fantasia aprisionante e realidade é possível, temos um fim de análise. Dito de outro modo, é quando a realidade pode ser vivida com autenticidade e sem medo de ser engolido pelas exigências, percebemos que os nós neuróticos foram desatados.

Este é um ponto crucial contemporâneo: a cura associada a adequação, ou seja, não mais um retorno a um estado inicial de saúde, mas a implementação da submissão aos ideais da cultura. Essa submissão reforça a rigidez superegógica ou retroalimenta o adoecimento neurótico. Cria o tipo de dilema e dívida neurótica.

A neurose se caracteriza por um dilema impossível que se disfarça de impotência. O neurótico se considera incapaz e por isso preso a uma dívida impossível: ou desagrada os outros ou desagrada a si mesmo. A única saída possível é o adoecimento, portanto. Foge à castração para tragicamente ser tomado por ela.

Então, chegamos a segunda regra fundamental da psicanálise: que o analista tenha sido analisado. Dessa forma, é possível desenvolver o tato clínico necessário considerando as exigências e particularidades do ofício. Trabalhar a relação transferencial e permitir que o analisando alcance o fim da própria análise parte do trabalho com o saber inconsciente, acessível na experiência de análise própria.

Para lidar com a fantasia, outro nome da mentira, o analista tem que estabelecer o contato com a autenticidade perdida. Para tanto, precisa ter feito esse percurso ele mesmo, criando um espaço em que não há luta de poder. Assim seguimos os registros freudianos. A possibilidade de amar e trabalhar depende da elaboração das separações, dos trabalhos de luto

e da queda idealização paralisante de si mesmo. Só a confiança infantil, fonte de potência criativa, nos permite fazer essa travessia.

#### **4.6 Consultório Aberto e Clínicas Públicas de Psicanálise**

A partir das reflexões sobre o que é uma psicanálise e seus fins, percebemos que o setting psicanalítico é o enquadre que o psicanalista é capaz de sustentar. A expansão do atendimento online durante a pandemia é um exemplo disso.

Assim, o trabalho realizado em instituições, que porventura apresentam-se como o quarto elemento num trabalho psicanalítico, sendo os três primeiros o paciente, o analista e o relacionamento transferencial, acontece quando é possível ao psicanalista e ao paciente trabalhar a transferência.

Com Lacan (1945/1998) trabalhamos a partir de uma orientação temporal inconsciente. Portanto, uma intervenção tem o potencial de produzir uma transformação na relação daquele que sofre com o seu próprio sintoma, independentemente de sua duração cronológica.

As limitações encontradas no nosso país, tão desigual e que ainda relega o sofrimento psíquico à condição de supérfluo, para o exercício da psicanálise nas instituições encontra seu espaço de luta a partir desse norteador teórico. A aposta no próprio aspecto dinâmico do inconsciente, que continua elaborando mesmo após o tempo de sessão, nos permite desenvolver um trabalho psicanalítico mesmo com as limitações de sessões resultantes das mudanças institucionais e limitações concretas.

Como Freud (1918[1919]/2019) apontava, a fusão metálica entre o ouro da psicanálise e o cobre que permite a cura prática. Desde a Idade dos Metais, foi a fusão entre cobre e outros metais que permitiu a expansão destes. Atualmente, o ouro 18K, liga metálica resultante da fusão entre ouro e cobre que garante mais resistência do que o ouro puro de 24K, é o material mais abundante no mundo e constitui a maior parte das joias existentes. Por fim, lembremos, se

a pulsão de morte é o segundo impeditivo do fim de análise, o problema ali reside no desequilíbrio da fusão entre pulsão de vida e morte. Existimos graças à possibilidade de fusão entre ambas e a cura também caminha em direção à isso.

## 5 Considerações Finais

Comecei este trabalho no início de meu percurso na clínica, a medida em que ele articula e dá continuidade às nossas investigações sobre a feminilidade<sup>1</sup> e o sujeito laciano<sup>2</sup>. A pluralidade do campo psicanalítico me parecia desnorteadora e a pesquisa sobre marcadores clínicos do fim de análise me animaram a pensar esse não-conceito tão escorregadio.

A exigência ferencziana de que o analista tenha sido analisado realça a importância do fim de análise. Uma imagem ilustrativa que me vem a mente é de que a análise pessoal de um psicanalista exige dele que aprenda a trocar o pneu do carro com ele ainda em movimento.

Se, afinal, não aprende-se a jogar xadrez lendo livros, mas sim jogando. A formação psicanalítica requer que o analista esteja nas duas posições: em sua análise pessoal, lidando com suas dificuldades e desenvolvendo o tato profissional, ao mesmo tempo em que conduz análises de seus pacientes.

Com meu percurso na clínica, percebi de outro lugar os operadores clínicos. E mais, que oferecer a escuta a alguém tem efeitos inimagináveis para aquele que ocupa a posição de analista. Da mesma forma que o paciente não sabe para onde sua análise vai, menos ainda sabe o analista que precisa colocar essa angústia a serviço do trabalho.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Iniciação Científica intitulado “Caminhos femininos e a devastação” (2020) desenvolvido com apoio do CNPq.

<sup>2</sup> Trabalho de Iniciação Científica intitulado “A constituição do sujeito na teoria laciano” (2021) desenvolvido com o apoio do CNPq.

Este trabalho inicia-se com a busca dos norteadores na escuta clínica, que circunscrevem o andamento de um processo analítico. Em seguida, voltamo-nos para a perspectiva do analista. Disso chegamos a transferência e a conclusão de que todos esses aspectos estão intrinsecamente articulados. Analisando, psicanalista e a transferência se afetam simultaneamente.

Este trabalho nos permitiu encontrar aspectos cruciais da clínica psicanalítica que marcam um fim, como a autenticidade e a importância do tempo, da estratégia necessária para conduzir uma análise. Na discussão entre Freud e Ferenczi, as discordâncias apontam para a diversidade de objetivos daqueles que procuram a psicanálise. Considerando que, na melhor das hipóteses, os objetivos iniciais vão se transformando a medida em que o trabalho caminha, é de se esperar que a diferença dê o tom, especialmente entre as expectativas do analista e do analisando.

O grande enigma que fica é o porquê alguém que passou por essa experiência resolve conduzir análises de outras pessoas? Mas isso é discussão para outro trabalho.

## 6 Referências

Bernardes, A. C. (2002). A segunda regra fundamental: um comentário sobre o Ferenczi de Lacan. *Ágora*, 5(2), 311 – 316. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982002000200007>

Dunker, C. I. L. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica – uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: AnnaBlume.

Ferenczi, S. (1927/2011). O problema do fim da análise In *Psicanálise IV*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1928/2011). Elasticidade da técnica psicanalítica In *Psicanálise IV*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1930/2011). Princípio de relaxamento e neocatarse In *Psicanálise IV*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1933/2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança In *Psicanálise IV*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Ferreira, T.; & Vorcaro, A. (2018). *Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita*. Belo Horizonte: Autêntica.

Freud, S. (1900/2018). *A interpretação dos sonhos*. Porto Alegre: L&PM.

Freud, S. (1901[1905]/2016). Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") In *Obras Completas, v. 6*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Freud, S. (1904[1905]/2019). O método psicanalítico freudiano In *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica.

Freud, S. (1910/2019). Sobre psicanálise “selvagem” In *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica.

Freud, S. (1912/2019). Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico In *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica.

Freud, S. (1918[1919]/2019). Caminhos da terapia analítica In *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica.

Freud, S. (1930/2020). O mal-estar na cultura In *O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica.

Freud, S. (1937/2019). Análise finita e infinita In *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica.

Freud, S. (1938/2019). *Compêndio de Psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica.

Goldenberg, R. (2019). *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage.

Gerhardt, T. E.; Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Kupermann, D. (2019). Ferenczi e os objetivos do tratamento psicanalítico: autenticidade, neocatarse, crianceria. *Estilos da Clínica*, 24(2), 182 – 194.  
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p182-194>

Lacan, J. (1945/1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada: um novo sofisma In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1960/1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Neves, T. I. (2020). A dimensão política da cura em psicanálise. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, 10, 11. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2020/12/09/n-10-11/>>.

Roudinesco, E.; Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Travassos, C. T.; Paravidini, J. L. L. (2019). *Caminhos femininos e a devastação*. Iniciação Científica, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.

Travassos, C. T.; Paravidini, J. L. L. (2020). *A constituição do sujeito na teoria lacaniana*. Iniciação Científica, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.